



CINTEDI

A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E CRIATIVO DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR

Autor: Sônia Ronilda de Sales Dutra

UNIVERSIDAD DE LA INTEGRACIÓN DE LAS AMÉRICAS

Co-autor (1): Cleoneide Moura do Nascimento

CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR REINALDO RAMOS – CESREI, cleopsyque@gmail.com

Co-autor (2): Faruk Maracajá Napy Charara

UNIVERSIDAD DE LA INTEGRACIÓN DE LAS AMÉRICAS, napy@oi.com.br

RESUMO: a narrativa descrita neste artigo faz um convite aos educadores envolvidos com a educação infantil das instituições de ensino das diferentes regiões do Brasil, responsáveis pela educação de crianças do ensino fundamental menor, sobretudo na região Nordeste, trazendo à tona um diálogo que abrange o trabalho pedagógico, cujo conteúdo se volta à temática com abordagem nas histórias escritas em livros ou imaginadas pelos contadores de histórias. O ato de contar histórias se configura como indicador efetivo que leva a criança a uma situação desafiadora, pois tende a fortalecer os vínculos sociais, educativos e afetivos. Portanto, necessário se faz que os educadores se utilizem dessa importante ferramenta para o desenvolvimento crítico e cognitivo da criança, além de despertar nela o gosto pela leitura e, conseqüentemente ela possa se transformar em pequeno leitor e/ou futuro escritor, estimulando-a para o universo mágico da imaginação. As histórias contadas para crianças remontam de cerca de milhares anos desde as mais remotas civilizações. Portanto, essa era uma maneira de passar os saberes armazenados na memória dos ancestrais. Na África, berço da civilização, bem como noutros países da Europa e Ásia, as histórias eram contadas de geração a geração, pois eram muito difundidas dentro das aldeias pelo simples conhecimento empírico. Com a chegada dos povos oriundos do continente europeu e da Ásia, bem como a vinda dos escravos para o Brasil, também veio com eles todo um contexto histórico, entre os quais estavam os famosos e mirabolantes causos que foram gradativamente repassados por seus tios, pais e avós.

Palavras-chaves: contos; contadores; histórias; crítico; cognitivo.

INTRODUÇÃO

Provavelmente alguém já ouviu num lugar qualquer algo como a seguinte frase: “quem conta um conto aumenta um ponto”. E qual aquela pessoa já não ouviu quando criança: “era uma vez”... Afinal o que é um conto? O que é uma história? Como é possível diferenciar o conto e/ou uma história de outros tipos de textos? E aquelas pequenas histórias que alguns pais contavam ou ainda tem o hábito de contarem quando colocam os seus filhos para dormir? Ou aquelas que certamente a professora tem o costume de ler para seus alunos na escola? Pois bem, elas são contos que podem estar escritos em livros ou simplesmente imaginadas pelo contador.



III CINTEDI

Os contos são conhecidos por serem histórias de curta duração. Eles são tão resumidos que quando a criança ler ou escuta, consegue gravá-los na mente e contá-los logo após sem que seja preciso o auxílio de uma narrativa ou mesmo estar de posse de um livro, mesmo que criativamente acrescentem algumas fantasias e detalhes na trama.

Contar histórias é uma atividade muito remota, porém bastante relevante e atual para despertar o imaginário e o universo fantasioso, em especial, o processo criativo da criança na fase inicial de sua infância. Portanto, o conto por ser um texto muito resumido, nele deve conter todos os elementos presentes num romance como: narrador, personagens, trama, espaço e tempo, porém há uma diferença em relação ao romance pela sua concisão, linearidade e unidade, pois ele deve ser construído através de uma história, cujo foco deve se basear no conflito dramático, o qual deve apresentar o desenvolvimento e a resolução desse embate.

Os contos ou histórias como narrativas fictícias são excelentes textos e servem para estimular o universo imaginário da criança, inserindo-os num contexto inusitado, cuja leitura deve estar cheia de fantasias para excitar a sua criatividade. No entanto, nos contos, o contador de história deve apresentar a trama da história totalmente fora do contexto real, nesse caso, é importante salientar que as histórias devem se apresentar como um fato fictício, com diferentes conceitos, leis e situações fora da realidade.

Esse tipo de texto pode ser feito através de uma leitura escrita ou oralmente imaginado, pois esse processo vem sendo repassado de geração a geração, cujo conteúdo se origina a partir da criatividade e imaginação do narrador, em que são acrescentados recursos fantasiosos idealizados apenas por quem está contando a história. Pelo que se tem notícia o ato de contar histórias surgiu a partir do imaginário popular, portanto, é um gênero textual em que na maioria das vezes, se confunde com a realidade. Da mesma forma como outro gênero textual, qualquer que seja a história, nela deve conter começo, meio e fim, pois são recursos importantes que prendem a atenção do ouvinte, criando nele toda uma expectativa.

Quando o contador de história se propõe a contar um fato, nele deve existir uma estrutura fechada e objetiva, no entanto, esse tipo de texto deve ser modelado por apenas uma história e um conflito, sendo formada basicamente por uma introdução que apresenta a ação que será desenvolvida; breve ambientação do local do acontecimento, tempo e, o mais importante, os personagens da trama; o desenrolar da ação, formada em grande parte pelo diálogo dos personagens e por fim, o ponto culminante da história, encerrando a narrativa com um desfecho que traga ao ouvinte fatos que o surpreenda.



III CINTEDI

Atualmente as pessoas, em especial a maioria das crianças vivem numa época em que os meios tecnológicos como os aparelhos de *smart fones*, computadores, Internet, *vídeo games*, os *tablets*, entre tantos outros, são instrumentos muito acessíveis; portanto, qualquer que seja a informação, a criança recorre às informações na Internet, no sentido de ampliar os seus saberes. Isso faz com que os livros sejam deixados de lado e as histórias sejam vistas como algo do passado, portanto, estão caindo no esquecimento, o que é para o educador uma espécie de desafio, pois é preciso muito esforço para que as crianças dos dias atuais em idade escolar tomem gosto pela leitura.

Contar histórias nos primeiros anos da vida escolar se configura como uma maneira de entreter as crianças, por isso, nos dias atuais em algumas escolas observa-se que timidamente estar reaparecendo a figura do contador de histórias. O ato de contar histórias pode se transformar num precioso auxílio à prática pedagógica dos professores no preâmbulo tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental.

O ato de contar história provoca na criança algumas mudanças fundamentais para o seu desenvolvimento cognitivo, excitando o processo da imaginação, da criatividade, da oralidade, além de incentivar o gosto pela leitura, o que contribui significativamente para a formação da personalidade, além de desenvolver a cognição, o social e o afetivo. Todavia, contar histórias para a uma criança em idade escolar, sem dúvida se transforma numa atividade de fundamental importância, pois transmite conhecimento e valor, além de ser um marco decisivo para a formação e o desenvolvimento do processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

O método utilizado para investigação foi do tipo bibliográfico, cuja literatura traz todas as definições e contextos sobre o tema proposto. A partir desse objetivo, utilizou-se a fenomenologia das temáticas abordadas nos mais variados textos narrativos publicados em livros infantis e outras fontes de conhecimento.

Para a contextualização do tema em discussão foi feita uma seleção apurada cujas abordagens faz referência sobre o tema, optando-se por fontes consistentes e pertinentes de acordo com os objetivos propostos pelo estudo, na perspectiva de avaliar os contextos e definições descritos na literatura previamente selecionada para análise e interpretação das informações que, com base nesse tipo de literatura foi possível o desenvolvimento deste artigo que se inscreve como um estudo preliminar sobre a temática em discussão.



OBJETIVO

O objetivo é mostrar que para a criança, as histórias, além de ser uma atividade que auxilia na formação e construção intelectual, também é um fenômeno decisivo para o seu crescimento no processo de ensino e aprendizagem que servirá de base para desenvolver a cognição para absorver os saberes e os valores para a vida, tornando-se um cidadão crítico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A historiografia e a importância de contar histórias

De acordo com Coelho, (2001, p. 31) no fim do século XVII e início do XVIII, o significado e a função social da infância, bem como a literatura específica a essa faixa etária não era muito comum e menos desenvolvida, por isso, esse tipo de atividade apenas foi criado posteriormente, porque as crianças eram vistas como pequenos adultos, portanto, cumpriam as mesmas tarefas e cuidados semelhantes às de um adulto, o que pode explicar à época, um índice muito alto na taxa de mortalidade infantil.

Haja vista que além de compartilhar e exercer quase que na totalidade as mesmas atividades dos adultos, as crianças também deveriam estar enquadradas e tinham o dever de desenvolver os mesmos costumes e mesma cultura literária das pessoas fora de suas faixas etárias (COELHO, 2001, p. 31).

A partir dos processos de ascensão da classe burguesa, bem como a reestruturação da instituição familiar, a criança passou a ser vista como uma pessoa diferente do adulto, portanto, com atribuições diferentes. Com essa nova conceituação, no século XVIII, a literatura infantil mostrou-se um tanto quanto relevante no ambiente escolar, pois a partir desse novo conceito houve a necessidade de modificações na mentalidade sócio e cognitiva herdadas pela criança. Nessa perspectiva, a escola se transformou num dos principais agentes para que essa mudança pudesse acontecer na literatura dedicada à criança (VIEIRA, 2005, p. 10).

Contar histórias está entre uma das atividades mais velhas do que se pode ter notícia. Porquanto, está entre as artes que remontam à época do surgimento do homem moderno há cerca de milhões de anos. Contar histórias e declamar versos era uma das práticas inseridas na cultura humana que antecede o desenvolvimento da escrita (VIEIRA, 2005, p. 10).



De acordo com a autora, em tempos primitivos, ter conhecimento para interpretar alguns sinais da natureza era considerado pelos povos da época como sendo de grande importância, porque tardiamente poderiam se tornar em registros pictográficos, pois através dos quais seriam relatadas coisas do cotidiano que poderiam ser compreendidos pelos integrantes do grupo. A partir desse prisma, algumas pessoas contavam histórias, pois era uma maneira muito significativa pela qual a humanidade encontrou para expressar as suas experiências, fatos que nas narrativas realistas não podiam acontecer.

As histórias, mesmo quando apresentavam algum ato de intimidação era porque a finalidade delas deveria trazer ao ouvinte alguns fatos que parecessem reais, bem como as verdades que não poderiam ser expressas pela razão, por isso nos estudos das histórias observa-se que: “[...] em primeiro lugar, o fato de que elas falam sempre de relacionamentos humanos primitivos e, por isso, exprimem sentimentos muito arcaicos do psiquismo humano” (VIEIRA, 2005, p. 10).

No território brasileiro as histórias foram trazidas pelos colonizadores europeus como portugueses, espanhóis, holandeses entre outros e, posteriormente mais difundidas a partir da chegada dos povos africanos, no momento em que as mães quando acalentavam os filhos de seus amos contando as histórias de seus antepassados e cantarolavam as suas saudosas e melancólicas canções de além mar. Em meio a tantas histórias apareciam os heróis, os vilões, o amor, a ternura, as paixões, as vitórias e as derrotas, fatos esses que ultrapassaram as paredes e fronteiras das casas grandes e chegou até as varandas alpendradas dos fins de tardes e noites Brasil afora do século XIX (CASCUDO, 2001).

Na atualidade são muitas as maneiras e recursos novos para que o contador de histórias possa utilizar no momento de expor o desenvolvimento da narrativa, revelando todos os detalhes da história para que haja uma melhor compreensão do texto e o aguçamento da imaginação do espectador. Nesse aspecto, há uma intensa expectativa do ouvinte para descobrir o que há por trás do enredo. Nesse caso, fica no imaginário uma questão muito importante: o que acontecerá no desfecho da história? (COELHO, 2001, p. 31).

Uma das características relacionadas às histórias contadas em livros por Monteiro Lobato (1882-1948) transcorreram através de uma linguagem não muito coloquial, ou seja, uma linguagem menos compreensiva que estivesse de acordo com o universo cultural da criança, pois autor deveria se utilizar de palavras simples do cotidiano, bem como algumas expressões de uso popular, porém essa característica tinha como função um caráter educativo. Num aspecto mais abrangente muitas são as histórias conhecidas nos dias atuais, atribuídas a



diferentes autores, a exemplo das seguintes fábulas: a raposa e as uvas; a cigarra e a formiga; o leão e o ratinho; a galinha dos ovos de ouro e o lobo e o cabrito (ABRAMOVICH, 1997).

Nas palavras Miguez (2000, p. 28) fica evidente que a atividade de contar histórias pode e deve ser usada como uma metodologia para o desenvolvimento crítico e cognitivo da criança em fase escolar para aprimorar a sua personalidade, o que tem revelado e melhorado de maneira significativa o desempenho escolar. Nessa perspectiva, “[...] na maioria dos casos, a escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer”.

A prática de contar histórias é uma atividade, mesmo parecendo algo muito antigo, nos dias atuais se encontra muito presente nas escolas do ensino fundamental menor e nas creches. É uma atividade que para ser desenvolvida é necessário todo um planejamento do professor, para que a escola possa manter ou receber a visita de um contador de história, ou pode também levar os alunos a espaços culturais, como feiras e exposições de livros. Nesse aspecto, o professor, através de sua formação, tem contato com diversos meios que possibilitam uma maior integração das crianças com a literatura em sala de aula. Muitos teóricos abordam a questão da importância dos textos literários na escolarização (ABRAMOVICH, 1997).

São diversas as possibilidades, considerando-se que quando o contador de histórias se propõe ser aquele que contribui através de suas leituras, significados para a prática pedagógica, também não está restrito a apenas à sua função para o melhor entendimento da linguagem. É presumível o seu caráter literário, sua função de despertar a imaginação e sentimentos, bem como as diversas possibilidades de ultrapassar a palavra (RODRIGUES, 2005).

Para o acontecimento da nobre atividade do contador histórias, para tal deve haver um local específico para esse fim, nesse caso, o espaço escolar se configura como o mais adequado, não somente por seu caráter lúdico, portanto, deve ser instigado como uma prática comum para que a criança se sinta estimulada e cheia de expectativa quando chega o momento do conto ou da leitura e, ao chegar o instante de adentrar em sala de aula, ela se sinta motivada pela prática docente, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos e aprendizagens múltiplas (ABRAMOVICH, 1997).

Qualquer que seja a questão relacionada à prática do contador de histórias, não se pode deixar de lado a importância dele como um coadjuvante e participante direto da prática



III CINTEDI

pedagógica, portanto, não se deve descaracterizar a sua função que é de transmitir beleza, sensibilidade e prazer. Aliás, é possível acreditar que o caráter artístico, lúdico, cheio de magias e imaginação repassado pelo contador de histórias, são atribuições que podem contribuir como um elo no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, a nobre atividade do contador de histórias pode auxiliar na prática pedagógica sem perder seu valor estético e artístico (RODRIGUES, 2005).

Num passado não muito distante, na escola não se tinha conhecimento da existência da atividade de contar histórias para as crianças nas instituições públicas de ensino, portanto, a sua função como escola era apenas estimular a leitura para seus alunos de forma didática. É provável que nos dias atuais, aos poucos as escolas vêm inserindo essa atividade estimuladora e descobridora de possíveis talentos; quanto a esse aspecto, está apontando meios que estimulem a utilização de livros paradidáticos (RODRIGUES, 2005).

Nas palavras de Maciel (2010) as atribuições da escola devem estar voltadas a refletir uma proposta voltada a esse fim, já que o autor defende a ideia de que o espaço para a literatura não é somente a sala de aula que, além de provocar o interesse pela leitura, deve também aprimorar as percepções, pois é uma maneira de enriquecer o repertório discursivo das crianças, sem medo de uma análise literária. Pois, “[...] longe da crença ingênua de que a leitura literária dispensa aprendizagem, é preciso que se invista na análise da elaboração do texto, mesmo com leitores iniciantes ou que ainda não dominem o código escrito” (MACIEL, 2010, p. 59).

Para os processos dinâmicos que envolvem a atividade do contador de histórias, os textos devem ser apresentados de múltiplas maneiras, entre as quais se encontra a teatralização do conteúdo e, portanto, a narrativa deverá ser encenada com a utilização de vários recursos lúdicos, o que leva a criança ao melhor entendimento do texto. Outro aspecto muito relevante está no ato de recitar textos poéticos, os quais levam a criança a compreender os processos de entonação da voz, memorização e postura (VIEIRA, 2005).

Outro recurso que não se pode esquecer são as leituras em formato ‘jogral’, pois é uma maneira de revelar e trazer a criança para o universo da criatividade, da socialização e o mais importante é que surge nesses momentos o envolvimento das crianças, despertando nelas potenciais de possíveis líderes.

Quando a criança se depara com o rico e belo universo da leitura, percebe-se todo um encantamento quando ela descobre que faz parte da história como sujeito. Alguns escritores brasileiros a exemplo de Ruth Rocha (1931) Ana Maria Machado (1941) Elias José (1936-

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br



III CINTEDI

2008) entre tantos outros são considerados como escritores voltados totalmente ao universo infantil que, pelas suas tradições literárias no campo infanto juvenil, se tornaram bastantes conhecidos nacional e internacionalmente (MACIEL, 2010, p. 59).

Quanto ao campo ilustrativo é preciso revelar alguns importantes nomes como, Eva Furnari (Roma 1948) radicada no Brasil, considerada na atualidade uma das principais ilustradoras e escritora de histórias voltadas ao universo infantil, cujos textos trazem uma abordagem muito simplória.

Quando a criança se interessa pela escolha de um livro, em sua mente vem logo o universo colorido que se manifesta pela figuração, pela cor, pelo tamanho e o mais importante: a ilustração da capa entre outros recursos visuais que desperta a curiosidade para descobrir o que há em seu conteúdo, mesmo que o texto seja muito resumido.

Acredita-se que quando as crianças são estimuladas a se adentrarem no universo da leitura é possível que elas possam criar um espírito imaginativo, criativo, o que as levem a envolver-se com o universo rico da literatura, pois isso é o primeiro passo para enriquecer e desenvolver a personalidade, nesse aspecto, as histórias são de suma importância; julga-se, também que através de toda a magia que há por trás das histórias, elas possam interferir positivamente para o significado da aprendizagem, pois as fantasias contidas nas narrativas levam a criança a imaginar previamente a leitura.

Ao se utilizar da leitura feita pelo contador de histórias, como metodologia para o desenvolvimento cognitivo, bem como a melhoria do desempenho escolar das crianças, é provável que haja uma resposta positiva voltada às necessidades afetivas e intelectuais pelo contato com o conteúdo simbólico das leituras trabalhadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de contar histórias é uma das atividades que faz parte do fazer pedagógico que, além de está relacionado ao aprendizado da criança, se configura como uma modalidade que desperta no educando uma série de fatores muito importantes para o seu desenvolvimento cognitivo, auxiliando-o no processo de ensino e aprendizagem.

Quando a criança escuta uma história, na qual os personagens do enredo são expostos de maneira que desperte a atenção do aluno, ele além de absorver o contexto, também incorpora a parte lúdica para depois passar a reproduzi-la, criando a sua própria história.



III CINTEDI

Quando se trata da educação da criança, a oralidade além de ser uma questão muito importante, também funciona como uma atividade enriquecedora, facilitando a comunicação e a expressividade, uma vez que a todo instante, qualquer criança em fase de aprendizagem faz uso da linguagem, captando os conhecimentos que são necessários para a sua trajetória educacional e ainda auxilia na interação social.

Nesse sentido, a função do educador é assumir com dedicação o compromisso e mostrar ao aluno que o livro é uma ferramenta de grande importância, pois através do hábito diário de ler e contar histórias tende a despertar a curiosidade nas crianças para que as mesmas criem suas hipóteses em relação ao seu universo criativo.

A escola é o ambiente ideal para a construção e reconstrução dos saberes. A partir dessa perspectiva, é preciso reconhecer que através da magia e processos imaginativos do contador de histórias se faz necessário ter especial atenção a esse tipo de atividade, pois se sabe que ela é um elo que pode contribuir para a aprendizagem escolar quanto aos aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral ou social e pode proporcionar um maior desenvolvimento perceptivo no aluno. Em se tratando dos aspectos relacionados ao ato de contar histórias, é preciso levar em consideração as inúmeras vantagens, destacando-se a aprendizagem de conteúdos, a socialização, a comunicação, a criatividade e a disciplina.

Quando se estabelece a relação entre as possibilidades de aprendizagem, há que se observar a relevância da atividade desenvolvida pelo contador de histórias na escola, pois isso se deve ao fato de ele proporcionar um melhor desenvolvimento relacionado à motricidade, do raciocínio, o fortalecimento da autoestima, além da função lúdica. Visto que a função desempenhada pelo contador de histórias funciona como parâmetros muito relevantes não somente para a criança envolvida, mas também para a escola. É muito importante dar continuidade a uma atividade com novos enfoques sobre as histórias, bem como sua grande contribuição para os primeiros anos da vida escolar da criança.

ABSTRACT: the narrative described in this article invites educators involved in the early childhood education of the educational institutions of the different regions of Brazil, responsible for the education of children of lower primary education, especially in the Northeast region, bringing to the fore a dialogue that covers pedagogical work, whose content turns to thematic with approach in stories written in books or imagined by storytellers. The storytelling act is an effective indicator that leads the child to a challenging situation, since it tends to strengthen social, educational and affective bonds. Therefore, it is necessary that educators use this important tool for the critical and cognitive development of the child, in addition to awakening in it the taste for reading and, consequently, it can become a small



III CINTEDI

reader and / or future writer, stimulating it to the magical universe of the imagination. The stories told to children date back thousands of years from the most remote civilizations. Therefore, this was a way of passing the knowledge stored in the memory of the ancestors. In Africa, the cradle of civilization, as well as in other countries in Europe and Asia, stories were told from generation to generation, for they were widespread within villages by simple empirical knowledge. With the arrival of the peoples of Europe and Asia, as well as the arrival of the slaves to Brazil, there also came with them a historical context, among which were the famous and miraculous causes that were gradually passed on by their uncles, parents and grandparents.

Keywords: Tales; accountants; stories; critical; cognitive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

CASCUDO, Luís Da Câmara, *Made in África*. São Paulo: Global, 2001

COELHO, Beth. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 2001.

MACIEL, Rildo Cosson. O espaço da literatura na sala de aula. In: APARECIDA PAIVA, Francisca; MACIEL, Rildo Cosson. (Coord.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação. Brasília, 2010. (Coleção explorando o ensino; v. 20). Disponível em: < http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/2011_literatura_infantil_capa.pdf>. Acesso em: 29 de mai. 2018.

MIGUEZ, Fátima. *Nas arte-manhas do imaginário infantil*. 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. *Cultura, arte e contação de histórias*. Goiânia, 2005.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. In: *Revista criança - do professor de educação infantil*, v. 38, p. 10, 2005.